trad. eng. M. Tl. 229-15

TL 6994

CNRM - FALINTIL

- Cópia -

Rev.do Pe. Jaime Coelho

Muito me impressionou o seu contagiante optimismo, ao ler, a sua carta, recebida com grande atraso. Também me sensibilizou o seu grande amor à causa timorense.

Das montanhas da Pátria, vão as calorosas saudações dos guerrilheiros das FALINTIL. Procurarei fazer conhecer a todo o nosso Povo a sua carta - para que conheça mais um amigo e companheiro da causa. Dos membros da Direcção e de mim próprio, efusivos abraços cheios de reconhecimento profundo pela sua amizade.

É-me difícil, por agora, explicar as situações possíveis que possam comprometer o código de honra das FALINTIL. É que, como Comandante e conduzindo uma luta armada, ultrapasso os umbrais da ética e da moral, quando encorajo os meus homens a ir ao encontro da morte, quando os recrimino por não saberem matar o soldade ocupante. Não tenho como princípio moral o "hara-kiri", mas situo a honra como complemento do DEVER !

Desde há anos, quando comecei a ver continuamente reduzidos os meus combatentes, quando sentia amargamente as nossas cada vez maiores limitações de assegurar uma resistência armada tão activa como fora, tão capaz de esmagar pequenas frentes inimigas, de desafiar os batalhões indonésios e morrer a rir no campo da batalha, com a sensação de um dever plenamente cumprido, quando imaginava as enormes dificuldades que teria que enfrentar para assegurar a simples sobrevivência das FALINTIL, uma questão se pregou na mente : não será isto tudo um suicídio colectivo ?

Isso nos anos em que Portugal se embalava a tentar polir a sua - propria honra ... na questão de Timor, já nos anos em que as FALINTIL estavam temíveis, capturando amiúde sofisticado armamento ao ocupante. Isso, desde aquela - altura porque, como Comandante, eu deveria ver já a luta armada na sua projecção num futuro distante, para me permitir equilibrar condições, buscar métodos de realização da luta e desenvolver novas potencialidades da resistência.

TREZE anos são passados na nova fase de Libertação da Pátria, na qual as FALINTIL chamaram para si toda a responsabilidade pela manuntenção da chamada Luta ! NOVE anos, após o fracasso das negociações com as autoridades de ocupação ! E vamos lutando ... e vamos morrendo ... em difícieis condições ! Cada morte, cada captura, cada rendição, são golpes profundos na nossa própria carne de combatentes armados, num corpo extenuado de cicatrizes da guerra e envolvido de estilhaços dos combates mas sempre com um mínimo alento para desafiar o próprio tempo!

Em '79, perguntei, de casa em casa, de aldeia em aldeia, de vila em vila, ao meu Povo se estava disposto a continuar a lutar e o meu Povo ordenou-me a que NUNCA RENDESSE ! O meu Povo queria e obrigava-me e me obróga e deseja e PREFERE QUE EU MORRA NO CAMPO DA BATALHA ! O alto sentido de HONRA do próprio POVO DE TIMOR-LESTE ! E eu sou combatente da Pátria e servirdor deste POVO MIL VEZES HERÓI!

Hoje, a Luta oferece-me uma conjuntura difícil, mais difícil que nos primeiros anos de reorganização. Hoje, a Luta pede-me uma decisão. Hoje, tenho que medir continuamente o futuro !

O Povo de Timor-Leste já marcou o seu destino e é também difícil explicar-lhe que, afinal, não somos donos do nosso destino ! Poderíamos ter sido se Deus tivesse falhado a mão e tivesse empurrado um bocado Timor-Leste, apenas Timor-Leste, fora do arquipélago ... do Soeharto ! Mais do que garantir o presente estádio da resistência, já está fora das nossas capacidades reais.

A acção da solidariedade é agora fundamental, decisiva mesmo. V.Rev.cia pergunta-me como poderão "ajudar-nos a retirar o exército de Timor"! E ... "outras coisas" !!! Só poderei dizer, caríssimo Padre, para darem as mãos os diversos grupos de solidariedade numa frente cada vez mais ampla, fortalecida e tanto quanto coesa nos princípios a serem adoptados de ora em diante, para exercer contínua pressão sobre os círculos políticos e governamentais de cada pais, nomeadamente aí em Japão, na Austrália e nos EUA, como ainda nos membros da CEE.

Veja, por exemplo, Rev.do Padre, que Japão imediatamente se dispôs a ajudar a Indonésia a superar o corte de ajudas económicas por parte da Holanda. Em casos assim, só a solidariedade pode intervir e confiamos na capacidade mobilizadora da solidariedade Japonesa. Guardo no meu íntimo o meu profundo apreço pela pronta resposta da solidariedade japonesa a um apelo formulado por mim. Espero, agora, que a solidariedade japonesa continue mais activa ainda na sensibilazação do seu próprio Governo.

Só desta acção da solidariedade internacional se pode conseguir que os governos se sensibilizam e aconselhem Jacarta a modificar a sua atitude. Tarefa difícil para a solidariedade !

Sem conhecer profundamente as diversas condições, específicas por país, dos grupos de solidariedade por Timor espalhados pelo mundo, reparo contudo, por exemplo, uma agradável profusão de grupos de apoio aí em Japão, numa opinião pública australiana cada vez mais favorável, numa acção prática de protesto na Inglaterra, aquando da visita do Ali Alatas, etc, etc.

Todos desejamos, Rev.do Padre, que a Paz venha muito ràpidamente a Timos-Leste ! E a Missão Paz em Timor cumpriu o objectivo a que se propôs ! Mas foi também uma acção que lembrou a Comunidade Internacional quão frágil foi o vosso empreendimento quando a indiferença é agravada com as manobras políticas dos governos cúmplices de Jacarta. Um empreendimento que despertou momentâneamente as atenções do mundo ... que se dispôs a noticiá-lo ! Frágil quanto o caso de Timor-Leste!

Todavia, admira-nos a vossa coragem ao desafiar esse mundo hipócrita! Admira-nos a vossa tenacidade ao desafiar os obstáculos ! Mas ... Vós como nós, tivemos que parar, nas nossas lutas, na linha da morte ... definida pelos fortes e poderosos ! A Missão Paz em Timor cumpriu ... até onde pôde permitir o seu gesto pacífico de solidariedade ! E por isso que a Missão terá que continuar para que as flores da Paz sejam valorizadas como marcando o início de uma cruzada por todo o Mundo ! É difícil, será difícil, mas acreditamos na grande força de vontade, demonstrada com o Lusitânia Expresso !

É, neste sentido, Rev.do Padre, que devo reafirmar a solidariedade internacional a nossa extrema confiança de que não abandoneis o nosso Povo, neste momento crucial da sua luta ! E, consequentemente, apenas posso pedir a solidariedade

internacional para que intensifique as acções de sensibilização nos respectivos países da opinião pública, esclarecendo com mais profundidade a essência do problema e desmascarando as teias da política que a diplomacia indonésia soube agarrar e segurar.

Espero, caríssimo Padre, que o seu optimismo seja o pré-anúncio da almejada Paz, que uma Missão em que Vossa Rev.cia se integrou quis trazer para esta desditosa meia-ilha ! Um desejo está patente : PAZ ! Paz, atravéz do diálogo. E este objectivo terá que ser alcançado : DIÁLOGO ! Diálogo para buscar a a Paz, para procurar o caminho para a Paz ... que o Lusitânia Expresso sulcou, avistando a terra das flores que detastes ao mar, lembrando a morte e o sofrimento de um Povo !

E só a pressão internacional pode introduzir Jacarta no caminho do diálogo. E só a solidariedade internacional pode conseguir que se efective essa pressão ! Desde cartas-abertas, desde acções de protesto, desde a distribuição de documentação histórica sobre Timor-Leste, desde o filme do massacre, desde as escolas, desde as Universidades, desde as igrejas, desde os meios políticos, desde tudo o que for possivel, uma acção concentrada sob uma estratégia comum : BUSCAR O DIÁLOGO PARA ALCANÇAR A PAZ !

Mas E O QUE A SOLIDARIEDADE TEM FEITO! Mesmo assim, todos entendemos que uma acção assim, só acções contínuas assim podem ajudar o Povo de Timor-Leste ! Sabemos que pedimos ... TUDO ... à solidariedade ! E sabemos que é difícil esta - Missão da solidariedade, mas é o que temos a pedir e temos que pedi-lo !

Os americanos, os japoneses, os europeus e os australianos é que decidirão sobre o nosso caso. Não será pròpriamente Jacarta ! Nem será o 3º mundo, endividado e dependente, cujas opiniões influênciam embora a "maioria" que se busca nas A-G da ONU ! O poder do veto, porém, pertence aos americanos, japoneses, europeus e australianos !

O Povo de Timor-Leste não está tão só, como as vezes gosto de afirmar, negando, por assim dizer, os sacrificios, as vigílias, as extensas horas de trabalho, a dedicação, a firmeza e a coragem combativa de todos quantos abraçaram, com verdadeiro amor, a causa do nosso Povo! Infelizmente, mesmo juntos nos nossos esforços, mesmo unidos nos nossos princípios e ideias, todos juntos ... estamos como que sós, debilmente sós !

Mas confiamos em vós, confiamos na extensa solidariedade por Timor Leste ! E creio mesmo que, mais juntos e mais unidos, avançaremos algum degrau que Portugal porventura tenha esquecido de por os pés ! Porque me parece que, lamentavelmente, também Deus Pinheiro está só no meio das resoluções com os seus parceiros ... da comunidade dos interesses comuns !

Pede-me Vossa Rev.cia, para que "não mate nem mais um soldado indonésio" ! Devo aclarar que, desde 7.Dez.75, as FALINTIL respondem apenas em legítima defesa. Nunca nos acometeu a vontade pura de matar por matar nem nunca albergamos o espírito putchista ou de ódio ao combatermos a soldadesca ocupante.

Provamo-la nos primeiros 3 anos da invasão, provamo-la em'83 e, posteriormente, em diversas ocasiões, deixamos regressar vivos os soldados indonésios que se renderam em combate. Pelo contrário, os soldados indonésios são mesmo desumanos e não vale aqui recordar tudo o que tem feito nesta guerra.

Quando buscamos iniciativa de combate, é porque o nosso arsenal está nas mãos do soldado indonésio. Não temos fábricas de munições, não temos fábricas de armas. Se não buscamos a recuperação do material ou morremos estùpidamente desarmados ou erguemos os braços em sinal de rendição.

Um ideal, como o que propõe, e belo nas suas aspirações. Pelo menos na nossa guerra, torna-se difícil realizá-lo porque, do outro lado, estão umas forças brutas, assassinas, sem mínimo sentimento de compaixão. Enquanto eles matam por dever e destroem tudo por dever, nós não matamos por dever, matamos o soldado indonésio como meio para a nossa própria conservação. A defesa da Pátria, aqui, não é intervenção das forças multi-nacionais no Koweit; a defesa da Pátria, aqui, é uma resistência que busca manifestar-se desafiando o próprio tempo !

Por este espírito, sempre nos dispusemos ao diálogo, por este espírito estamos em condições de aceitar, em qualquer altura, a cessação das hostilidades! Aí, sentamo-nos na mesma mesa, repartimos a mesma comida e fumamos o mesmo tabaco ! Já aí, reparamos que os soldados indonésios são muito sensíveis e sentem que foram e continuam sendo empurrados para a guerra.

A carta do amigo australiano não veio, pelo que não pude fazer o que Vossa Rev.cia me pediu.

Agardeço-lhe, caríssimo Padre, a sua oferta.

Um abraço de amizade.

O Comandante das FALINTIL,

KAYRALA XANANA GUSMAO

Quartel-General, em Timor-Leste, aos 18 de Maio de 1992.